



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

A VISÃO DA MULHER AO LONGO DA IDADE MÉDIA

MARESSAH DE ABREU CAVALCANTE

RIO DE JANEIRO

2024

MARESSAH DE ABREU CAVALCANTE

A VISÃO DA MULHER AO LONGO DA IDADE MÉDIA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/literaturas.

Orientadora: Professora Luciana dos Santos Salles

Rio de Janeiro

2024

FOLHA DE AVALIAÇÃO

MARESSAH DE ABREU CAVALCANTE

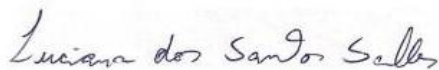
DRE: 120056404

A VISÃO DA MULHER AO LONGO DA IDADE MÉDIA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras na habilitação Português-Francês.

Data de avaliação: 20/05/2024

Banca examinadora:



NOTA: 8,0

Profª. Dra. Luciana dos Santos Salles – Presidente da Banca Examinadora

Universidade Federal do Rio de Janeiro


Prof. Ms. Eduardo Narciso Bicalho – Leitor Crítico

NOTA: 8,0

Universidade Federal do Rio de Janeiro

MÉDIA: 8,0

Agradecimentos

A Deus, pois sem ele eu nada posso fazer, também dedico esse trabalho a todas as mulheres, sobretudo as que lutam todos os dias contra as forças contrárias que dizem não sermos capazes, não sermos suficientes ou que nosso lugar é menos do que aquele o qual sonhamos e trabalhamos para conquistar. Somos a resistência, o foco e a inteligência desse mundo, se alguém não é capaz de enxergar este potencial, já está fadado a sucumbir à própria ignorância.

Este trabalho é fruto de todos as árvores plantadas e regadas antes de mim, de mulheres que não se deixaram vencer mesmo em meio ao improvável ou ao impossível, então, sou grata por esse seres majestosos que se colocaram na brecha, se arriscaram e correram para que hoje eu pudesse ter a oportunidade e dignidade de escrever, estudar e viver as ramificações de uma Educação mais igualitária.

As inspirações desse escrito são as duas mulheres que me criaram, minha mãe, capixaba, vinda do interior que com sua trajetória, me ensinou o poder dos estudos, da valentia e da perseverança naquilo em que acredito, sendo mãe, professora, psicóloga, psicanalista, teóloga, filósofa, esposa e mulher de fé. Aquela que nunca deixou seu sexo ser um impecilho na sua profissão, mas sim uma oportunidade de avançar e mudar o sistema a sua volta. Ademais, minha avó paterna, paraense, descendente dos povos originários do nosso país, cozinheira, costureira e passadora que mesmo sendo mãe solteira na favela, nunca deixou de ter e reivindicar sua dignidade de mulher forte, independente e honesta. Essa mulher de origem simples e pouco instruída me ensinou o que muitas pessoas da minha idade nunca saberão por seu tempo de vida e experiência tão vastos, a ela devo minha gratidão por me mostrar a vida em outros tempos e aprender coisas que não se podem aprender numa sala de aula. A essas mulheres de pequena estatura, mas de grande coragem, minha eterna gratidão e honra por me fazer a mulher que sou hoje.

Por fim, gostaria de agradecer a todos os meus irmãos do coração e amigos que de alguma forma foram essenciais para que este sonho se tornasse realidade, construo esse trabalho não só com palavras, mas também com muitas lágrimas, perseverança e fé naquele que sempre me sustentou e guiou, Jesus.

RESUMO

Este trabalho aborda a visão da mulher ao longo da Idade Média pela Poesia Portuguesa. A partir de uma análise à luz da obra de Georges Duby “As damas do século XII”(1995), o estudo busca compreender a origem de certas representações do que era ser uma mulher na Idade Média e como certos pontos de vista ainda se perpetuam na sociedade contemporânea. O livro base deste trabalho investiga a percepção e a representação da mulher durante a Baixa Idade Média (Século XII), analisando tanto os ideais teóricos quanto às realidades sociais vivenciadas pelas mulheres nesse período. Explorando uma variedade de fontes históricas, literárias e filosóficas, esta monografia busca mostrar a complexidade das experiências femininas medievais, examinando as expectativas culturais, os papéis sociais atribuídos e as vozes femininas emergentes. Através desta análise, busca-se compreender como a visão da mulher na Idade Média foi moldada por fatores como religião, cultura, poder político e estruturas sociais, identificar os espaços de resistência e as transformações que ocorreram ao longo do tempo.

Palavras-chave: Baixa Idade Média, Igreja Católica Medieval e Representação Feminina.

ABSTRACT

This work addresses the vision of women throughout the Middle Ages through Portuguese Poetry. Based on an analysis in light of Georges Duby's work "The Ladies of the 12th Century" (1995), the study seeks to understand the origin of certain representations of what it would be like to be a woman in the Middle Ages and how certain points of view are still perpetuated in contemporary society. The base book investigates the perception and representation of women during the Early Middle Ages (12th Century), analyzing both theoretical ideals and the social realities experienced by women during this period. Exploring a variety of historical, literary, and philosophical sources, this monograph seeks to show the complexity of medieval women's experiences by examining cultural expectations, ascribed social roles, and emerging female voices. Through this analysis, we seek to understand how the view of women in the Middle Ages was shaped by factors such as religion, culture, political power and social structures, identifying spaces of resistance and the transformations that occurred over time.

Keywords: Early Middle Ages, Medieval Catholic Church and Female Representation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. A IGREJA E A MULHER.....	2
3. O PAPEL DO FEMININO.....	14
4. AS PRIMEIRAS POETISAS.....	20
5. CONCLUSÃO.....	27
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem como propósito explorar a visão e as representações femininas no período medieval, sobretudo na Baixa Idade Média. Tal período histórico foi marcado pela opressão e restrição como um todo, porém mais escassos ainda são os relatos sobre a situação das mulheres da época, onde ideais patriarcais e religiosos dominavam as representações e práticas sociais. No entanto, esta visão simplista de relatos escritos por homens não capta toda a complexidade das experiências femininas durante esse período.

Esta monografia busca explorar mais profundamente a visão da mulher no início do período Medieval, considerando tanto os discursos normativos quanto as realidades vividas por mulheres de diferentes origens e posições sociais. Através da análise de uma variedade de fontes históricas e literárias, pretende-se oferecer uma visão mais completa das mulheres medievais e de seu lugar na sociedade.

"As Damas do Século XII" é uma obra de Georges Duby que retrata a vida das mulheres na sociedade feudal da França no século XII. O autor examina a condição das mulheres aristocráticas durante esse período, destacando sua influência, papel e restrições dentro da estrutura social dominada pelos homens. O autor destaca a importância das mulheres nobres como mediadoras de alianças políticas e econômicas através de casamentos estratégicos. Elas desempenhavam um papel vital na manutenção e expansão do poder de suas famílias e maridos, muitas vezes exercendo autoridade indireta através de seus relacionamentos e influência sobre homens poderosos.

No entanto, o autor ressalta que, apesar de sua influência e posição privilegiada, as mulheres nobres enfrentavam limitações significativas em termos de liberdade pessoal e direitos legais por conta do sistema matrimonial. Em resumo, a obra oferece uma análise detalhada da vida das mulheres aristocráticas, em específico na França durante a primeira metade do século XII.

2. A IGREJA E A MULHER

Antes de adentrarmos nas origens de certos conceitos admitidos pela escrita medieval, vale ressaltar que a diferença entre os sexos feminino e masculino não é um dado da natureza e sim uma construção social que no presente trabalho vamos entender sob a ótica do começo do período medieval, onde foram cristalizados muitos dos conceitos que podemos observar nas relações e percepções sociais dos dias atuais. Dito isto, ao longo da História, a narrativa das mulheres é marcada por representações feitas por e para os homens, sobretudo no período medieval. Os escritos sobre o sexo feminino eram apenas documentos em que os homens geravam sua captação da imagem da mulher e não a verdade das mesmas.

Existem vários fatores que contribuíram para uma escassez de registros de narrativas femininas da Antiguidade sendo uma delas o fato de a mulher ser frequentemente marginalizada e suas contribuições para a sociedade e cultura serem negligenciadas e subestimadas, o domínio da escrita masculina onde os registros geralmente focavam em eventos e figuras masculinas onde mesmo se houvesse algum registro feminino, muitas vezes era filtrado e preservado sob o critério e a visão patriarcal, distorcendo as experiências femininas. Ou seja, as mulheres muitas vezes não tinham voz ou influência nas esferas públicas e políticas, o que resultava em menos documentação de suas histórias.

É interessante levar em consideração que a maioria dos registros aconteciam no círculo eclesiástico, visto que a Igreja controlava todos os domínios da sociedade antiga, desde a política, a economia, a religião até as interações sociais, gerando assim uma cadeia de padrões a serem seguidos rigorosamente para girar as engrenagens da roda do Sistema Feudal. Dito isso, a Igreja tem como base filosófica e teórica a Bíblia, sendo ela o principal alicerce da fé cristã, tendo as suas complexidades próprias na época, o que gerava certas interpretações unilaterais e tendenciosas para favorecer a manutenção socioeconômica da Igreja e da Realeza.

O autor George Duby, ao longo de seu livro traz diversas figuras femininas, tanto das histórias bíblicas quanto da nobreza para serem destrinchadas sob o viés da lente e interpretação da época, o que auxilia no entendimento de como as mulheres eram vistas ou deveriam se portar na sociedade. Tais visões sobre essas mulheres, moldam o sistema social que se vive até os dias atuais, certamente de formas mais intrínsecas e subconscientes, mas sendo as raízes patriarcais as mesmas. Sendo assim, os princípios distorcidos criados no período medieval infelizmente ainda se perpetuaram ao decorrer das futuras gerações

tomando diferentes formas, formas essas que hoje são propagadas através da misoginia e suas ramificações que não serão abordadas no presente trabalho, porém compreendidas em seus primórdios de idealização .

Logo nas primeiras páginas da obra, o autor traz à luz a dubiedade da imagem da mulher, sendo dividida essencialmente entre a visão de Eva, a primeira mulher do mundo e Maria Madalena, uma prostituta que após sua exorcização, se tornou uma das maiores personagens da Bíblia. A mulher medieval só poderia ser vista com base nessas duas formas femininas sendo ela como Eva, detentora do pecado natural, capaz de corromper e desviar os homens abrindo as portas para o pecado no mundo ou Madalena, mulher que obteve seu valor conquistado através da submissão e conversão, abrindo mão de seus desejos carnis para alcançar a salvação e a vida digna, assim, abrindo as portas do paraíso para todas as mulheres.

“A morte entrou neste mundo por intermédio de uma mulher, Eva. Certamente uma outra mulher, Maria, mãe de Deus, reabriu as portas do paraíso. Ora, eis que entre essas duas mulheres, a meio caminho, posta-se Madalena, acessível, imitável, pecadora como todas as mulheres. Rica, generosa, benfazeja, Deus quis que sua vitória sobre a morte fosse anunciada por ela. Por causa dela, pela vontade divina, “o opróbrio que pesava sobre o sexo feminino foi levantado”.(Duby, 1996, p.26)

A Igreja estava responsável por gerar um padrão de mulher, como ela deveria ser, se portar, pensar e agir. Ações essas criadas para impedir a mulher de causar qualquer dano para o sistema patriarcal da época. Sendo assim, surgiu-se o casamento, que segundo as regras da Igreja Católica Medieval foi uma excelente ferramenta formulada para este padrão enquadrá-la e ter as rédeas de seus comportamentos pela Igreja primitivos, impulsivos e capazes de subverter a boa moral social, pois caso não fossem controlados, a mulher seria uma meretriz capaz de subverter os homens essencialmente vistos como o sexo bom da sociedade medieval.

O método disciplinar inicial do Clero e, logo mais se tornando o mais utilizado durante toda a Idade Média, era a afirmativa de que o prazer carnal, mesmo dentro da sagrada união do casamento e oriundo das relações sexuais de modo geral, era uma ação impura independentemente de como fosse feita, era considerado um meio de subversão feminina para controlar a natureza essencialmente pura do homem, pois em sua visão essencialista, o homem “Era casto, mas o mundo lhe corrompeu”(Duby, p. 43), logo, era reforçada a ideia de que uma mulher de valor e dentro dos padrões da Igreja deveria desprezar os prazeres carnis, sendo totalmente submissa a Cristo, através de seu representante na Terra, o homem. Desta

forma, o homem era responsável por ajudar a mulher a reprimir sua natureza depravada que a levaria à perdição eterna, sendo ela casada, unicamente responsável por satisfazer seu senhor a todo custo, mesmo que isso signifique abrir mão de todos os seus direitos e tomadas de decisão, sendo o homem convidado a tomar para si a mulher, seja ela de outro, tirando sua virgindade a força, ou contendo suas pulsões em geral, tudo isso em troca seu ato de bondade em salvá-la de seu destino perverso.

O casamento nos termos da Igreja Medieval, regulava as relações entre masculino e feminino, dessa forma, as mulheres no início do século XII começaram a ser vistas como associadas através dele, mas não necessariamente iguais aos homens, devendo ser apresentadas as regras de civilidade como por exemplo, a Etiqueta, a preparação para o casamento, a maternidade, etc, sendo vistas como um objeto a ser possuído ou um tesouro que deve ser escondido com um manto ou uma cortina. O desejo das mesmas deveria ser sempre policiado, porém ao mesmo tempo, regulado de certa distância, já que o amor ou até mesmo a afeição eram vistos como sentimentos repulsivos e sinônimo de fraqueza, visto que uma vez em que o homem se vê emocionalmente apegado a uma mulher, sua vida passa a pertencer a ela. Deste modo, o consenso comum do período era que para não cair na carne, deve haver casamento, ter alguém digno de dividir o leito, a esposa, mas jamais suas ideias.

“Para proteger-se delas, o mais seguro é tomar uma, estabelecê-la duradouramente em seu leito. O casamento é a melhor defesa. No século XII, as autoridades da Igreja terminam de ajustar-lhe as defesas, de colocá-lo como sendo o sétimo entre os sacramentos. Empresa delicada, pois a união conjugal é carnal, portanto, por pouco que seja, pecaminosa.” (Duby, 1996, p.218)

Além da visão ambígua da mulher pelo viés bíblico, as mulheres do cotidiano medieval eram separadas entre as que refletiam a imagem da nobreza e as que faziam parte do povo de modo geral. Existiam regras pré-determinadas de como cada tipo de mulher deveria agir em determinadas situações, no casamento por exemplo as mulheres da nobreza, as denominadas damas, deveriam viver em favor dos interesses da Coroa, se casando com um partido que fortalecesse as alianças políticas e econômicas com os reinos ao redor de seu território, juntamente com o dever de prover um filho homem para ser o sucessor da Realeza, dando continuidade às linhagens reais e não pela fraqueza humana que chamamos de Amor. As mulheres de status social mais baixos também deveriam se preocupar em gerar filhos para seu marido, porém não possuíam os respaldos sociais na nobreza, o que afetava tanto sua

integridade moral quanto segurança de vida, tornando ainda mais pesada sua jornada na sociedade.

O fato problemático que percorria por todo sexo feminino, quer fossem damas quer fossem as mulheres do povo, todas estavam sujeitas às ações dos homens. Um exemplo das divisões sociais era que nas casas, o primeiro andar, designado para todos os serventes do Senhor, não havia trancas ou divisórias entre os aposentos, fazendo com que as servas dormissem todas juntas em um só cômodo na tentativa de não serem visitadas durante a noite pelos homens e acabarem sendo violentadas. Desta forma, pode-se concluir que além das dificuldades de vida comuns a época, as mulheres ainda precisavam se preocupar com sua segurança apenas por terem nascido do sexo não dominante, sendo acompanhadas em todos os trajetos e horas do dia, vestir roupas que cobrissem ao máximo o corpo, se casarem o mais cedo possível, tudo isso para evitar ao máximo ter suas vidas arruinadas pelas ações daqueles que regiam o Sistema Feudal.

O prazer das mulheres era algo inimaginável em qualquer fase da vida, mesmo que de maneira individual e para maior conhecimento de seu próprio corpo, era visto como se tal ato fosse sua principal arma para se ver contra ou livre das influências masculinas. Sendo assim, os desejos e relações sexuais das mulheres eram rigorosamente registradas e catalogadas pela Igreja, gerando assim o controle das investidas das esposas para com seus maridos, controle de natalidade das classes pobres para diminuir chances de revoltas, entre outros métodos de controle socioeconômicos, políticos e religioso;

“Em compensação, quando os homens de Igreja se interessavam pelas relações entre o homem e a mulher — e essa era uma de suas preocupações primeiras, pois se aplicavam nesse tempo em edificar uma ética do casamento, em fortalecer os quadros da união conjugal, único lugar, segundo eles, em que podem se estabelecer relações heterossexuais lícitas — mostravam-se de uma prudência extrema”.(Duby, 1996, p.252)

Ademais, não só seus atos conjugais eram questionados, como também seus conhecimentos medicinais, sobretudo, métodos contraceptivos através de ervas ou quaisquer outros tipos de manobras apontadas como prejudicial para a concepção de futuros herdeiros.

De modo geral, podemos concluir que a mulher na visão medieval é detentora de tudo o que há de mais impuro e inescrupuloso no mundo, sendo a raiz de todos os males para o mundo e principalmente para a figura do homem. É no mínimo curioso saber qual seria as intenções dos homens que propaga tais afirmativas sobre as mulheres, visto que o poder

feminino era no mínimo asfixiado por todas as mãos dos homens por toda sociedade por e para ele mesmo orquestrada.

“Feitiçaria, agressividade, luxúria, esses são os três vícios, relembremos, fustigados por Étienne de Fougères. Desde o fim do século XI, um número cada vez maior de homens religiosos esforçava-se por desenraizar esses vícios da alma feminina com a intenção primordial de atenuar-lhe a nocividade, de desarmá-la, de melhor proteger os homens.”(Duby, 1996, p.218)

É interessante compreender que a imagem da mulher na idade média era vaporizada e não algo sólido, o sexo feminino era visto e representado através de uma janela embaçada por adoração cortês e erotismos, os artistas que faziam representações femininas, não se preocupavam com o realismo de suas obras e sim em passar uma imagem cristalizada no imaginário do homem da época, até porque a literatura, como dito mais acima, não era para as mulheres pois nem letradas elas eram neste primeiro momento, era feita única e exclusivamente para os homens se entreterem.

A mulher, independentemente do status social, idade ou aparência, não era capaz de se representar ou ter voz para falar em primeira pessoa, ter medos, anseios, sonhos, vontades, uma vida independente. Ela era somente o que os outros indivíduos diziam sobre ela, se dissessem que era Eva, pecadora, ardilosa, traidora, assim era percebida e marcada pelo resto da vida e por consequência toda a sua linhagem e família, se fosse dito que era Maria, santa, pura, intocável e inabalável, todos a adoravam, queriam ser como ela, ter sua altitude, sua nobreza e capacidade de matar seu eu em prol de um bem maior, em prol de um homem. Logo, pode-se concluir que ninguém perguntava a mulher o que ela era, como se sentia, o que ela almejava, quem ela era além dos papéis sociais de filha, esposa, o que para ela era ser uma mulher, mas em uma sociedade em que o sexo em que o indivíduo nasce é o seu plano de carreira e você é um objeto a ser possuído e conquistado, perguntas não valem de nada.

Ao ler as obras medievais temos a ideia de que as mulheres eram o centro da sociedade, livros e mais livros detalhando como elas eram, sua aparência frágil, branca, eurocentrada, corpo próprio para o coito e para dar a luz, geralmente representada por um quadril largo para melhor concepção, porte pequeno para ser cuidada e altura sempre inferior a de seu esposo para ele ser o cabeça da relação. Ela deveria ser sempre solícita para ajudar seu esposo, cuidar e educar seus filhos, deixando o homem o mais livre possível de afazeres

do lar, sendo responsável por toda parte externa à casa e a mulher reduzida ao lar. É importante notar que esses estereótipos da mulher perfeita eram sempre vinculados ao que ela poderia fazer para o homem, perfeita unicamente para ele, o vestir deveria ser pensando no que o agrada, fazer de tudo para o agradar, até porque ele era o seu senhor, toda a sua vida era devota a ele, sendo assim, a mulher na visão medieval por excelência.

A visão da mulher no século XII e durante toda a Idade Média, representa tudo aquilo que há de mais incerto na sociedade, ela simboliza a confusão, o inesperado, o volátil, o desejoso e o mesmo tempo, misterioso, sendo assim, os homens tinham uma ideia extremamente estereotipada do sexo feminino para reduzi-las, com medo do que elas poderiam se tornar, com medo de seu potencial, tinham poder político e econômico sobre elas, mas mesmo assim, tinham receio de verdadeiramente conhecê-las e se aprofundar em seu mundo.

Ao longo das poesias portuguesas deste período pode-se notar que a água é uma das representações da mulher, assim como a água tem diversos lados, assim também eram vistas as mulheres, a água representa o puro, o santo, o frio e o essencial para a vida, todavia ao mesmo tempo, pode representar o sensual, o instável, o quente e o perigo, da mesma forma que não sabemos muito sobre o oceano e temos medo de adentrá-lo, assim na idade média era a mulher, era um ser de natureza muito bela e encantadora, mas ao mesmo tempo, traiçoeira e perigosa. Desta forma, a visão das mulheres tanto como sedutoras malignas ou deusas virgens não permitiu nenhum meio termo para uma percepção racional, deste modo, para que finalmente as mulheres tivessem seu lugar afirmado, terem sua própria voz, demorou-se bastante tempo se comparado a história dos homens e foi feito de formas muito espaçadas. De século em século, a história nos apresenta mulheres que ao longo do tempo surgiram para mudar o cenário de sua época, deixando suas marcas e contribuições, encorajando futuras mulheres a serem algo além do esperado e permitido por suas sociedades.

3. O PAPEL DO FEMININO

De início, já se pode compreender que o motivo de tantas incertezas e equívocos para com a figura da mulher era fruto do temor ao perigo que vem das mulheres, a sedução do corpo, e da veneração que os homens possuíam por ela trazer o bem e/ou o mal, segundo as histórias bíblicas no viés da Igreja Medieval. Os homens temiam ser moldados e assim subjugavam antes de serem subjugados.

O papel da mulher na sociedade medieval era ser a cópula, o elo de aliança entre os interesses masculinos, uma moeda poderosa de troca, aquela que vai auxiliar seu marido e gerar seu futuro sucessor. Entretanto, apesar de ser quem vai dar continuidade a linhagem, a boa semente é a do homem, a genealogia que vale é a do pai, principalmente os homens gloriosos dentro desta genealogia.

Para compreender melhor a influência e força masculina sobre as mulheres medievais, é preciso entender que tal pensamento de supremacia masculina era algo totalmente assegurado e apoiado na sociedade feudal, tanto por parte da Igreja quanto da Coroa. O homem neste tempo é o intermediário de Deus, domina sobre a mulher e todo o resto dos seres viventes, assim como nas passagens bíblicas, lecionadas nas missas daquele tempo. A mulher seria criada com o único propósito de servir ao homem através da multiplicação da semente masculina, ordenada por Deus, se ela se separa do homem, ela não existe para ele. Nesse ínterim, Santo Agostinho afirma que Deus puniu a mulher por sua vaidade de querer ser como o homem, dizendo:

“No entanto, para Eva, a pena é dupla: sua punição é, de um lado, dar à luz, prolongar dolorosamente a vida, pois foi por sua falta que a morte entrou nos corpos; de outro lado, estar sujeita ao homem. “Não se deve”, dizia Agostinho, “crer que a mulher antes do pecado não tenha sido feita para ser dominada pelo homem, para ‘voltar-se para ele’, para servi-lo. Mas o ‘serviço’ era de uma outra espécie, não o do escravo, mas aquele que, segundo São Paulo, os cristãos prestam-se uns aos outros ‘por amor’”. (Duby, 1996, p.214)

“Antes do pecado, a submissão era por “afeição”; depois, é por “condição”, de estado. A mulher é submetida a essa dominação que São Paulo a proíbe de pretender exercer sobre seu marido. Por seu veredicto, o Criador ofendido rebaixou Eva e todas as suas filhas. “Não foi a natureza, mas a falta que valeu à mulher ter em seu

marido um senhor, e se este não é servido, a natureza corrompe-se mais e a falta agrava-se.” (Duby, 1996, p. 214)

Na visão do religioso medieval, Eva se deixou levar pelo prazer do pecado, por querer ser como o homem, por isso ela merece o castigo por buscar seu prazer, e tal consequência está no seu ventre e só é pago quando finalmente se dá à luz a um filho. A maternidade, segundo Agostinho, é como a mulher consegue finalmente existir dignamente aos olhos de Deus e da sociedade, sendo assim, engravidar é a felicidade divina da mulher, mas ser estéril, a punição mortal.

Sendo assim, o sexo feminino não era autônomo, muito menos detentor de suas próprias vontades e ações, era um corpo a ser penhorado, dado como posse e em sequência posto de lado se não precisassem para mais nenhum tipo de acordo, sendo o casamento e a maternidade as únicas funções sociais que incubem as mulheres. Nesse ínterim, a dama só alcançava a plenitude de status social através da maternidade, não tinha existência social até ser mãe, mesmo se seu sangue fosse superior ao do homem o qual se casou, sendo utilizada justamente para elevar a linhagem.

A priori, é interessante conhecer como se dava o início da vida sexual da mulher medieval, já que para os homens quem deveria ajudá-lo era o pai através da contratação de prostitutas o mais cedo possível para lhe conter as paixões e aprender a não se ligar somente a uma mulher, mas somente em corpos, nus, disponíveis e fáceis de se gozar ao longo de toda vida. Para as mulheres era não era tão fácil e disponível assim, pelo contrário, deveria ser o mais tardar e de preferência com um único homem, seu marido e somente para gerar um herdeiro, pois ao final de sua missão como genitora, a vida sexual não deveria ser exercida por muito mais tempo, até por que ter relações se nada vai ser gerado de produtivo para o marido?

Para a amante, lhe cabia o papel de gerar unicamente o prazer sexual no homem, devendo ser de preferência infértil para a punição da mesma e esconder o “erro do homem”, a bastardia. O sexo como fonte de prazer carnal e não reprodução era o erro do casamento, ao leigo, impuro, por qual razão um homem se apegaria emocionalmente a uma única mulher e sendo esta sua esposa se existe a possibilidade de ter um tipo de relação com cada tipo de mulher? O prazer como bem foi dito pertence as putas e o dever as damas, o amor, não é algo cabível neste momento, a não ser por Cristo. Ademais, se tal adultério fosse cometido por parte do marido, a culpa certamente seria da esposa que levou o levou a pecar, seja negando relações, ou não sendo submissa o suficiente.

Na visão religiosa, o trair do sexo masculino é pecado, mas fornicar quando solteiro “necessitado”, é um pecadilho, do lado feminino, ela deveria se preocupar única e exclusivamente com o desejo de seu futuro parceiro, satisfazê-lo como ele bem exigisse, sendo escolhidas aquelas que eram mais habilidosas nas atividades manuais, como bordados para melhor desempenho em os satisfazer com suas mãos. Desta forma, esses tipos de atividades embora fossem apoiados entre as mulheres para confecção de itens ou para distraí-las de suas angústias, para os homens era uma maneira de obter seus próprios benefícios.

A amante embora não tivesse os privilégios da dama em sociedade, era recompensada pelo seu parceiro com o status de dona da cama em que partilhavam suas relações. Ela não tinha medo de pecar como era esperado da dama, era motivo de satisfação para ela e para toda a esfera social que o homem se satisfizesse fora do casamento, pois assim a amante teria os prazeres, a dama os deveres e o marido, os direitos. Caso a dama não fosse capaz de lhe dar um sucessor legítimo, escolhia-se um entre os bastardos para assumir o cargo.

A mulher casada na Idade Média nem sempre tinha seus direitos assegurados, pois isso só era provido através do marido, ou seja, caso o marido saísse da casa, ela ficava sozinha, alheia às suas fraquezas enquanto o homem poderia estar cavalgando para longe, seja para prover o sustento ou para a guerra. Nesse ínterim, fica bastante evidente o verdadeiro plano da Igreja medieval, unir os sexos para se reproduzirem, porém segregar o masculino e feminino física, geográfica e socialmente, sendo a ala masculina: aberta e livre de limites, enquanto a ala feminina: fechada, em torno do íntimo do leito, local onde ela poderia convencer o homem e atizar seu amor divino e carnal. O poder feminino se limitava dentro da casa, ela tem o dever de amaciar o poder de seu marido, para assim ter alguma participação nele.

Em meio a tantas represálias e medos ao longo de sua vida, a mulher poderia ter somente um meio de liberdade assegurado pela sociedade e de forma definitiva, a viuvez. Independentemente de seu status social, a viuvez seria a sua carta de liberdade, pois quando velha, a mulher já não possuía tantos atrativos para os homens e teria cumprido, de forma honrosa, todos os seus deveres obrigatórios como mulher.

As viúvas eram incitadas a se absterem da carne, aproveitar o poder e liberdade dos desejos do jogo marital, pois quando casada, o valor da mulher aumentava e o dinheiro de seu marido era dela também, já viúva, ela possuía poder irrestrito dos bens e respeito sobre todo e qualquer homem de mesmo status social.

O sexo, mesmo dentro das normas e regras da Igreja, era o erro do casamento, leigo, impuro, a sedução do corpo era, portanto, o perigo que vinha das mulheres desde o nascimento, oriundo do pecado inicial de Eva. Mas essa sensualidade demonizada poderia ser apontada para além do leito conjugal, como por exemplo, através do preparo das refeições. A cozinha era vista como feitiço, assim como a maquiagem e enfeites como lenços, brincos, etc. Esses meios de sedução tinham o poder de instigar o pecado da carne, e o homem o comete involuntariamente, sem nem ao menos ter consciência de seus atos e somente com sua (natural) razão controla tal pecado. Em meio a tantas investidas contra sua masculinidade e dominância, o homem se torna vítima dos vícios femininos, a todo tempo ele deve se lembrar que Eva trouxe o pecado ao mundo justamente por querer ter o poder que cabe ao homem e assim restringi-la o máximo que conseguir de seus impulsos primitivos.

Heloísa e Isolda são figuras femininas vistas ao longo do livro, as duas sendo representadas pelo ponto de vista masculino, porém suas respectivas histórias sendo contadas de modo que permite entender de forma mais aprofundada a ambiguidade da visão da mulher medieval. Heloísa, situada na alta aristocracia francesa, decide liderar um grupo de monjas, uma mulher forte, considerada parte do grupo de idosas por ter seus quarenta anos, foi ensinada desde muito cedo por sua posição social a desprezar os prazeres da carne, focar seu tempo e atenção aos estudos, sendo inteiramente submissa a Cristo e seus deveres perante a Igreja, foi uma mulher por todos considerada como uma santa em vida, sua intelectualidade vinha antes de suas outras características, ela era tão aclamada que era vista como um prodígio, “ultrapassa quase qualquer homem”;

“A figura dessa mulher, com efeito, ancorou-se solidamente no imaginário europeu e essa figura não é a da religiosa exemplar que Pierre de Cluny e Bernard de Clairvaux depois dele celebraram. Jean de Meung, em Paris, no fim do século XIII, não cantou no Romance da Rosa a sabedoria de Heloísa, mas, ao contrário, o que a fazia parecer “louca a muita gente”. Com essa loucura, Petrarca se maravilhou. Essa loucura tocou Rousseau, Diderot e o próprio Voltaire.

Essa loucura inflamou os românticos: eles iam até o túmulo da abadessa no cemitério do Père-Lachaise e pode-se ver ainda nas margens do Sena junto à Notre-Dame, nas paredes de uma casa construída por volta de 1830, uma inscrição que situa ali o lugar, suposto, onde a jovem entregou-se a todos os arrebatamentos da paixão amorosa. E depois Rilke, e Roger Vailland, tantos outros ainda hoje. Desde Jean de Meung, a Heloísa de nossos sonhos é a campeã do amor livre que rejeitou o casamento porque ele acorrenta e transforma em dever o dom gratuito dos corpos; é a apaixonada, ardendo de

sensualidade sob seu hábito monástico, é a rebelde que enfrenta o próprio Deus; é a heroína muito precoce de uma liberação da mulher”. (Duby, 1996, p.40)

Isolda por sua vez com representações do ideal de mulher, ao contrário de Heloísa, era sempre caracterizada por seu físico, sendo de pele branca, loira, de olhos claros, bela e rainha;

“Isolda é bela. É a mais bela “daqui até as fronteiras da Espanha”. Seu rosto irradia luz: claridade dos olhos, brilho dos cabelos dourados, frescor da pele. Do corpo, os poemas celebram a elegância, mas não o mostram. Pudicos, não descrevem os detalhes de seus encantos, jamais. Com efeito, quando a rainha desfila entre os cavaleiros para a alegria da corte, seu corpo deixa adivinhar apenas sua graça sob as esplêndidas vestes, estas amplamente descritas, e que, encobrindo suas formas, avivam ainda mais seus poderes de sedução.” (Duby, 1996, p.60)

Por ser uma personagem de conto antigo, sua imagem ficou cristalizada no imaginário das pessoas, um exemplo a ser seguido por seus contemporâneos homens e desejosos, que cumpriu a carreira de mulher, mas que ao longo de sua trajetória foi se tornando a personificação do perigo que vem das mulheres, oriundo de Eva. Em sua história ela era uma mulher que suas únicas características eram ser bela e adúltera, fazendo o homem que a acompanhava até seu futuro marido se apaixonar por ela, sendo assim uma representação literária do desejo masculino, uma mulher que era uma dama, mas que sabia seduzir os homens sem jamais ter em seu final a dádiva da maternidade, Isolda era a mais pura e simples personificação do imaginário sexual masculino;

“Por ser adúltera, por não ser o rei Marcos o único a obter prazer de seu corpo, Isolda mostrava aos cavaleiros numerosos a quem não havia sido dada como esposa uma imagem capaz de seduzi-los, a de uma perfeita parceira do jogo de amor. Pronta a inflamar-se, deixando-se de bom grado conduzir sob a “cortina”, ao abrigo dos reposteiros do leito, ela teme por certo a cólera do marido, ela treme, mas seu gosto pelo prazer prevalece. Enfrentando o perigo, frustrando as emboscadas, discreta, ela escapa aos olhares maledicentes. Descoberta, usa então de astúcia. Sabe mentir. mente bem, jogando com as palavras para não cometer perjúrio. Ridiculariza os maridos cujo erro é ser ciumentos, vigiar excessivamente sua mulher. A todos os jovens aventureiros que sonhavam, como novos Lancelot 's, obter sub-repticiamente prazer desses corpos desejáveis cujos atrativos adivinhavam sob a túnica das damas recusadas, Isolda agradava. Agradava em razão de sua perversidade.”(Duby, 1996, p.61)

Na sociedade medieval, ao contrário do que produzido na Literatura, cada status da mulher era vigiado e orientado por um homem, o falar, o sentar, o agir etc. A mulher nunca era plena em sociedade, sempre era relacionada ou ligada a algum homem desde o seu nascimento, era a filha, a irmã, a esposa, a mãe ou a viúva de algum homem. Caso essa mulher quisesse ocupar um lugar de respeito, como de princesa por exemplo, ela deveria desprezar os desejos de sua carne e cumprir os deveres de Estado com maestria, se tornando um pouco viril, levando sua razão e inteligência a ditar suas decisões, e não suas emoções como era esperado de uma mulher. Logo, caso ela não tivesse a oportunidade de subir ao trono, ela certamente deveria usar seus atrativos para amolecer o homem a qual obrigatoriamente irá se casar, incliná-lo e ensiná-lo a amá-la, ajudar a corrigir seus maus costumes e estar a sua plena disposição para o que for necessário, até mesmo realizar as petições dos outros pelo seu marido, até porque a mulher é o ser criado para cuidar, não dela mesma, mas de todos ao seu redor.

Na leitura de Perrot, Michelet chega a dizer que mulher chega mesmo a pensar que a relação entre os sexos é um dos motores da história tendo ela dois tipos de conduta, sendo o segundo escolhido, a causa do terror no mundo;

“Contudo, associando as mulheres à Natureza e os homens à Cultura, reproduz a ideologia dominante do seu tempo. Segundo ele, a natureza feminina tem dois pólos, um branco e um negro: de um lado, a maternidade, o doméstico; de outro, a superstição, a crueldade, o sangue, a loucura, a histeria. Que as mulheres se ajustem ao primeiro pólo, tudo bem. São, dessa maneira, a pura encarnação do povo generoso. Inclinando-se elas na direção do segundo, a história perde suas leis e as catástrofes se sucedem. Exemplos: Catarina de Médicis; ou mesmo as “tricoteiras” da Revolução francesa, terminando no Terror (Taine, como a maior parte dos psicólogos de loucos, adotou essa visão de loucas histéricas posto que mulheres).” (Perrot, 1994, p.6)

Assim como não existe a História dos homens, mas sim histórias contadas sobre e por eles, as mulheres possuem suas histórias, sempre tiveram, porém demorou-se muito tempo para que a sociedade tivesse sensibilidade para escutá-las, ademais, poder suficiente para contá-las em voz alta. Sua trajetória já era definida logo após seu nascimento, se fosse um menino, teriam dúvidas sobre quem se tornaria, que cargo ele poderia ocupar ou exercer, mas a partir do momento que se nasce do sexo feminino, sua jornada já estava traçada. Ela deveria

ser educada para servir, se nobre, ao Estado, se rica aos homens, especialmente seu marido, sendo assim ensinada a arte de bordar, cozinhar, limpar, cuidar de seus futuros filhos e manter em ordem todos os setores da casa, estar situada em todas as relações que acontecem, quando alcançando a idade estipulada para o casamento, deveria se juntar a um homem honrado que a pudesse proteger de todo e qualquer mal, mesmo que muitas vezes a incluindo da sociedade.

Gerando uma criança, esperava que fosse do sexo que pudesse governar a herança e bens do pai, caso contrário, estaria fadada ao mesmo destino da mãe, após engravidar, era sempre apoiado gerar quantos outros mais fosse possível devido a alta taxa de mortalidade da época, desde a infantil até a da fase adulta e também caso não tivesse êxito em dar à luz a um homem, engravidaria até o fazer para dar continuidade ao nome da família.

Em sua fase adulta, agora casada e com filho, ela não tinha mais uma vida própria, era a servente do marido e seus filhos, não recebendo nenhum retorno por isso, sua existência se resumia mais do que nunca em sua casa. Sua oportunidade de liberdade era a tão sonhada viuvez, teria cumprido seus deveres matrimoniais e maternos, estaria livre dos fetiches etaristas masculinos por não ser mais jovem quanto as moças na fase do casamento e poderia finalmente desfrutar de uma vida sozinha, por ela mesma, dona de suas próprias decisões, livre para circular por toda a sociedade, independente dos julgamentos da sociedade, podendo gozar enfim de ser um ser humano sem qualquer tipo de amarra das regras sociais medievais.

4. AS PRIMEIRAS POETISAS

Através da literatura, muitas descobertas e estudos podem ser feitos para contribuir para a evolução da sociedade, com os escritos de uma época por exemplo, podemos compreender a forma como as pessoas em um determinado período histórico pensavam a respeito de assunto em específico, deste modo, para compreender melhor o começo das mulheres na escrita, é importante entender o começo da escrita no mundo Ocidental.

Os primeiros registros que tiveram sua popularização na Europa, tem como origem escritas da Mesopotâmia, Grécia e Roma, logo os primeiros escritos destes locais, foram utilizados como modelos base para a escrita europeia que observamos na Idade Média, em sua maioria em latim por ser a língua universal da época através da expansão da Igreja Católica.

Durante todo o período medieval, a escrita foi se aprimorando, cada país começava a escrever em seus idiomas, abrindo mão do latim aos poucos, a imprensa ainda não tinha começado e assim a globalização das informações davam seus primeiros passos de maneira lenta e contida, pois a grande população ainda não tinha acesso ao letramento de qualquer maneira que fosse, sendo assim, os avisos ainda eram feitos de modo oral, mas aos poucos foram surgindo as cartas que passavam as notícias importantes para os comerciantes, banqueiros e governantes, ou seja, a escrita era basicamente destinada à Igreja e à Realeza independentemente do país da Europa pois basicamente todos os países seguiam o modelo político de Monarquia.

Rosvita de Gandersheim foi uma abadessa escritora nascida por volta dos anos 935 D.C e de berço nobre que fugindo do casamento indesejado e com sede por conhecimento, vivendo numa época em que ela tinha tudo para ser mais uma entre tantas outras mulheres talentosas esquecidas pelo patriarcado de seus tempos, às quais não foram dadas as devidas condições para se desenvolverem nos campo do conhecimento em que tinham interesse, conseguiu romper muitos estigmas e se tornou grande referência na área em que atuava.

Mesmo tendo mil e um fatores e circunstâncias contra si, Rosvita escreveu diversas lendas, épicos e peças teatrais, todas as suas obras eram em latim, sendo assim, foi a primeira dramaturga da história do teatro, sendo a responsável pelo restabelecimento da composição teatral no Ocidente e um grande fenômeno da literatura cristã de origem germânica. Sofreu grande preconceito por querer abordar temas vistos como pagãos em suas obras, mas com sua criatividade e desenvoltura mostrou seu talento, mudando a linguagem de suas obras para se aproximar dos espectadores e a visão dos religiosos e debatendo temas muito importantes sempre com a maior descrição e decência possível.

“Muitas vezes enrubesci por ter de escrever a respeito da detestável loucura dos amores ilícitos e de inconvenientes colóquios amorosos, coisas às quais não devemos prestar atenção. Mas se, envergonhada, eu não tratasse desses assuntos, não conseguiria atingir meu objetivo, que é o de celebrar o louvor das almas inocentes. Na verdade, quanto maior parece a sedução dos amantes, tanto maior a glória do auxílio divino.” (HOSWITA apud LAUAND, 1986, p. 31).

Ainda dentro da escrita, porém voltada para saúde um importante nome é a de Trota de Salerno que nasceu e viveu no século XI no Sul da Itália e foi uma médica, filósofa e escritora de manuscritos médicos importantes, como o "Practica secundum Trotam" e o "Trotula". Ela foi a primeira ginecologista da história e uma das primeiras mulheres conhecidas a escrever sobre medicina.

Trota era uma médica que se voltava especialmente para o público feminino, trazendo para a literatura médica ideias inovadoras, sendo precursora de tratamentos que dariam início à Ginecologia e seus escritos foram propagados por toda Europa por mais de 400 anos. Entre seus mais diversos temas abordados, os mais importantes eram; desde a menstruação até o acompanhamento da gestação, propunha melhores métodos para concepção como a cesariana e anestésicos para aliviar as dores do parto, métodos contraceptivos, o puerpério, estudo de doenças uterinas e urinárias como as sexualmente transmissíveis, e por fim os cuidados com a pele, a higiene de forma geral, assim como a cosmética.

Outra autora da esfera medicinal que fez a diferença durante a Baixa Idade Média, foi Hildegard von Bingen, uma abadessa alemã do século XII que é conhecida até os dias atuais por ser uma das propulsoras da ginecologia e promover a saúde feminina de modo geral, assim como Trota de Salerno.

Além de se dedicar e escrever sobre sua fé, ela também se propôs a estudar e explorar os campos da Filosofia, Ciências, Teologia, Composições musicais e Poéticas. Dizem que foi a precursora da ópera e que criou as bases do que conhecemos hoje como Sexologia. Mesmo vivendo em uma época tão difícil para a visibilidade e realizações das mulheres, com certeza Hildegard não se prendeu aos métodos e saberes antigos, reinventando e quebrando muitas formas de pensar e paradigmas sociais.

Desde a infância Hildegard já mostrava um desejo fora do comum pelo conhecimento, fosse ele religioso, científico ou sobre as artes. Ela era conhecida em seu tempo como a Sibila do Reno pela sua mente e sua curiosidade aguçada, sendo comparada muitas vezes quase à Leonardo da Vinci.

É importante destacar que a maioria das mulheres que se destacavam neste tempo tinham ou recebiam apoio das elites políticas e religiosas para desenvolverem e realizarem seus trabalhos como intelectuais. No fim de sua vida, Von Bingen exerceu muitas funções, fossem espirituais com suas visões proféticas, políticas contra a heresia e a corrupção dentro da Igreja ou para a Saúde Pública, mas as mais notáveis são as de doutora e santa da Igreja Católica, sendo um exemplo de conduta para muitos de sua época.

Marie de France que ao encantar a todos os sábios literatos, conseguiu assumir sua escrita e se tornar a primeira poetisa da França em pleno Século XII. No entanto, a narradora dos *lais*, palavra de origem céltica que significa “canto”, apresenta a consciência de resguardar a tradição oral para que a palavra dita não fosse perdida ao passar de geração para geração. Na perspectiva de Marie, os *lais* teriam grande importância de serem escritos, sobretudo por serem escritos de autoria feminina, mesmo que a escritora tivesse que enfrentar diversos desafios sociais e políticos para realizar este feito:

“Quem recebeu de Deus o conhecimento e o dom de falar com eloquência não deve calar nem se esconder, pelo contrário, deve estar pronto a aparecer. Quando um grande bem se faz ouvir, começa primeiro a brotar e, quando é elogiado por muitos, é então que se abrem as flores.(...) Foi por tudo isso que, de início, pensei em ocupar-me com alguma estória clássica, adaptando-a do latim para o francês, mas não me pareceu que valesse a pena: era o que tantos já haviam feito! Pensei então nos *lais* que ouvira. Nunca duvidei, bem sabia, que aqueles que primeiro os compuseram e divulgaram queriam através deles preservar a lembrança das aventuras que tinham ouvido. Muitos *lais* eu já ouvira contar e não queria deixá-los de lado nem esquecê-los. Pus-lhes rima e lhes dei forma poética. Muitas noites de vigília passei por eles.”

“Quem de boa matéria trata, muito lhe pesa se não o faz dizer. Ouvi, senhores, o que diz Maria, que não passa seu tempo distraída. Todos deveriam louvar a quem faz por ganhar boa fama. Mas em qualquer país em que haja homem ou mulher de grande valor, é comum que os que invejam por sua sorte espalhem vilanias (...). Nem por isso vou desistir: se por força de zombaria ou de lisonja querem deixar-me mal, é direito deles a maledicência.”(Dias, 2014, p.62 *apud* Marie de France (séc. XII), 2001, p.36).

A autora francesa escrevia sobretudo sobre o amor cortês como os contos sobre o amor adúltero de Tristão e Isolda e nutria certo apreço pelas classes inferiores, junção essa que não agradou certos críticos da elite da época a acusando de escrever peças irreais só para

seduzir as leitoras que possuem uma vida ausente de emoções amorosas, alimentando-as de fantasias, porém Marie rebateu as críticas de forma simples e despojada:

“Ouçam, meus senhores, as palavras de Marie que, quando tem a oportunidade, não desperdiça seus talentos. Todos que conseguem uma boa reputação devia ser elogiado, porém quando há em um lugar um homem ou mulher de grande renome, existem pessoas invejosas de suas habilidades, falando frequentemente insultuosamente para danificar sua reputação. Começam agindo como um cão cruel, covarde e traiçoeiro, que morderá os outros por pura maldade. Porém, exatamente porque fofoqueiros rancorosos tentam encontrar defeitos em mim, não pretendo desistir.” (Burgess e Busby, 1999, p.43)

Conhecendo a fundo a obra da escritora, o estudioso Park Carnes comenta que de todas as obras que se puderam achar de Marie, todas elas possuem um senso de compaixão muito raro para seu tempo e que se estende para além de uma simples simpatia pelas mulheres (Lindahl et al., 257).

O autor Georges Duby como se pôde observar ao longo deste estudo, manteve a sua atenção voltada para a visão da mulher medieval da França, porém a primeira mulher da Letras francesa a se sustentar única e exclusivamente da escrita só foi ser uma Italiana nascida no século XIV, de nome Cristina de Pisano. Levada à Paris por seus pais com quatro anos de idade e depois se casando com um funcionário do alto escalão real, após a morte repentina de seu marido, de seu pai e com dois filhos para criar, Cristina se viu obrigada a procurar um meio de sustentar seu novo modelo familiar, o que aconteceu através da escrita de poemas.

Mesmo com diversas mulheres escrevendo dentro das mais diferentes áreas do conhecimento, conseguiu se consagrar e ganhar seu espaço na literatura cortês, mas ao mesmo tempo política, pois como era filha de um médico da corte francesa e com o auxílio de sua forte estrutura familiar escreveu e abordou sobre temas frívolos no início de sua carreira para agradar as esposas dos príncipes, porém com o tempo criou coragem para abordar temas pouco debatidos em sua época, indo em defesa das “*femmes soles*” traduzido do francês como mulheres sozinhas, essas mulheres eram mães responsáveis por criar e educar seus filhos, executar as tarefas domésticas, trabalhavam fora e também eram as responsáveis pelas finanças da casa, dando notoriedade não só a imagem da mulher como os escritores masculinos faziam, porém de forma sexualizada, mas também trazendo notoriedade às lutas e realidades vividas pelo sexo feminino de classes inferiores durante todas as etapas de sua

vida. Cristina ficou conhecida por tecer fortes críticas sobre o sistema misógino da Igreja Católica Medieval e defender a importância do feminino na sociedade, tornando-se assim uma das grandes mulheres da Literatura Medieval.

Sendo assim, é possível notar que mesmo ao longo de diversos anos, todas estas mulheres tiveram duas coisas em comum, uma forte oposição contra seu sexo e um talento maior que o mesmo para se tornarem quem são até os dias de hoje, grandes inspirações em suas respectivas áreas através da escrita.

4. CONCLUSÃO

Ao explorar a visão da mulher na Idade Média, este estudo revela uma imagem complexa e multifacetada das mulheres daquele tempo, que foram moldadas por uma variedade de fatores sociais, culturais e religiosos. Embora as normas e expectativas patriarcais tenham exercido uma forte influência sobre suas vidas, as mulheres da Idade Média também encontraram maneiras de resistir, adaptar-se e, em alguns casos, prosperar dentro dessas estruturas. Ao reconhecer essa complexidade, podemos obter uma compreensão mais profunda das experiências femininas passadas e desafiar as visões simplistas e estereotipadas do sexo feminino.

Em suma, "As Damas do Século XII" de Georges Duby é uma obra essencial para quem busca entender não apenas a história das mulheres na Idade Média, mas também as complexidades da sociedade feudal francesa do século XII como um todo e após entender a origem de muitos desses estereótipos e padrões de comportamento, poder dar ainda mais valor às conquistas das primeiras mulheres escritoras que romperam com as barreiras de suas respectivas sociedades influenciando as mulheres da atualidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, A. *A Morte e a Iniciação Feminina nos Lais de Maria de França*. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano VI, n. 18, v. 06, Janeiro de 2014. Disponível em: [Silveira__Aine._Morte_e_Iniciacao_feminina-libre.pdf\(d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net\)](https://silveira__aine._Morte_e_Iniciacao_feminina-libre.pdf(d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net)) ; Acesso no dia 26 de Abril de 2024.

MENDES, A. L. *As mulheres de Georges Duby*. Georges Duby's women . Universidade Federal do Paraná. – Dezembro/2019.

BURGESS, G. S. & BUSBY, K. *The Lais of Marie de France*. Penguin Classics, 1999.

DUBY, G. *As damas do século XII*. São Paulo: SCHWARCZ, 1996.

MARK, J. J. *Marie de France: Definição*. World History Encyclopedia. 04 Abril 2019. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-18076/marie-de-france/>; Acesso no dia 26 de Abril de 2024.

LAUAND, J. L. *Educação, teatro e matemática medievais*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

LINDAHL, C. et. al. *Medieval Folklore: A Guide to Myths, Legends, Tales, Beliefs, and Customs*. Oxford University Press, 2002.

FRANÇA, M. *Lais de Maria de França*. Antônio Furtado e Marina Colasanti (trads.). Petrópolis: Vozes, 2001.

PERROT, M. Dossiê: “História das mulheres no Ocidente”. *Escrever uma história sobre as mulheres: relatos de uma experiência*. Conferência proferida no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu em 06 de maio de 1994 (Unicamp). Tradução de Ricardo Augusto Vieira - Mestrando em Filosofia, UNICAMP. Disponível em: [PERROT.PDF \(wordpress.com\)](#). Acesso no dia 27 de Abril de 2024.

MORAIS, R. *Rosvita de Gandersheim: a primeira dramaturga da história do teatro*. Isso compensa. Disponível em: [Rosvita de Gandersheim: a primeira dramaturga da história do teatro - Isso Compensa](#). Acesso no dia 26 de Abril de 2024.

SABATER, V. *Hildegard von Bingen: biografia da maior estudiosa da época medieval*. 2021.
Disponível em: Hildegard von Bingen: biografia da maior estudiosa da época medieval
(amenteemaravilhosa.com.br). Acesso no dia 26 de Abril de 2024.